

ISOMORFISMO INFORMACIONAL ENTRE PERÍODO SIMPLES E PERÍODO COMPOSTO

Maria Conceição PAIVA¹

- RESUMO: Este artigo analisa o efeito do princípio de fluxo informacional em duas formas de expressar causalidade no discurso oral: as orações subordinadas introduzidas por "porque" e o sintagma preposicionado "por causa de". A hipótese central é a de que a seqüência de segmentos que expressa causa e efeito é governada pelo mesmo princípio discursivo, isto é, a informação velha precede a informação nova. A análise estatística do estatuto informacional dos segmentos de causa e de efeito confirma a hipótese.
- PALAVRAS-CHAVE: Relação causal; ordem; informação.

Introdução

Uma tese possível quanto ao funcionamento da linguagem é a de que a ordenação de palavras, na estruturação das cláusulas, e de cláusulas, na estruturação dos períodos, é regida pelos mesmos princípios. Do ponto de vista comunicativo, tanto a posição relativa de sintagmas quanto a de cláusulas seriam mecanismos postos a serviço da coesão, estratégias para evitar rupturas e descontinuidades discursivas. Dessa forma, fenômenos ligados à organização sintagmática da cláusula e do período podem encontrar soluções, se não idênticas, pelo menos semelhantes.

De acordo com essa formulação, pode-se supor que o princípio de distribuição de informação influencie de forma semelhante a organização linear dos períodos simples e dos períodos compostos. No âmbito

1 Departamento de Linguística – Faculdade de Letras – UFRJ – 21941-590 – Rio de Janeiro – RJ.

das abordagens funcionalistas, esse princípio ocupa lugar de destaque pelo seu alcance explicativo de uma ampla gama de fenômenos linguísticos. Há relativo consenso quanto ao pressuposto de que a forma de “embalagem” do discurso repercute diretamente sobre a organização sintática dos enunciados, em especial, no que se refere à ordem de palavras.

Evidências para tal hipótese podem ser encontradas na comparação da flexibilidade de dois segmentos que expressam nexos causais: os sintagmas preposicionais causais e as cláusulas causais. No discurso oral, esses dois segmentos possuem posição variável, podendo antepor-se ou pospor-se aos segmentos com que se relacionam. O principal objetivo deste artigo é, através de uma análise comparativa, mostrar que, do ponto de vista da distribuição de informação, há isomorfismo entre períodos simples com sintagmas preposicionais causais e períodos compostos com cláusulas causais.

Na primeira seção deste artigo, teço algumas considerações sobre o princípio de distribuição de informação e sua importância para os estudos linguísticos. Na segunda seção, exemplifico o fenômeno em foco e, na terceira seção, mostro sua correlação com o princípio de distribuição de informação. Na conclusão, retomo a hipótese inicial à luz dos resultados obtidos.

Princípio de distribuição de informação

Não é minha pretensão fazer uma revisão exaustiva da literatura sobre distribuição de informação. Pretendo apenas explicitar e situar alguns conceitos que foram, neste trabalho, utilizados como instrumentos heurísticos.

A relevância do princípio de distribuição de informação só pode ser bem compreendida no interior de uma tradição que remonta à Escola de Praga: a de que a língua é um conjunto de meios apropriados a determinados objetivos. Dentre esses objetivos, destaca-se a transmissão de informação entendida aí como uma categoria primitiva.

A correlação entre distintas formas de ordenação das unidades linguísticas e diferentes formas de distribuição de informação é salientada, primeiramente, por Mathesius (1923), para quem a aparente liberdade de ordenação de palavras nas línguas eslavas se explicaria em termos de um princípio comunicativo mais geral, a Perspectiva Funcional da Sentença, que prevê um relativo isomorfismo entre a organização do

conteúdo oracional e os objetivos de transmissão de informação. Segundo Mathesius, em muitas línguas "*l'ordre des mots présente ou montre l'état de l'information*" (Ansbombre & Zaccharia, 1989, p.12-5). No interior dessa perspectiva, toma vulto a dicotomia tema/rema cuja articulação não é bem definida em Mathesius.

A perspectiva funcional da sentença avança com Firbas (1964). Baseado no pressuposto de que as unidades linguísticas se distribuem em uma escala de dinamismo comunicativo, o autor propõe uma divisão tripartida tema-transição-núcleo que procura dar conta do fato de que o grau de informatividade de um elemento não reside em si mesmo, mas sim na sua relação com os outros elementos do discurso. O princípio de dinamismo comunicativo se concretiza na organização linear da oração em harmonia com as características da apreensão humana: uma oração se inicia com elementos de baixo grau de hierarquia comunicativa, passando gradualmente para elementos de grau mais alto. No quadro teórico de Firbas tema e informação velha não se identificam necessariamente. O tema caracteriza-se por ser o elemento de menor grau de informatividade.

Tanto Mathesius quanto Firbas tomam a frase como unidade de análise da estrutura comunicativa discurso. Defendendo uma outra posição, Danes (1964) propõe três níveis distintos de análise, sendo dois deles (gramatical e semântico) relativos à frase e o terceiro (nível de organização da estrutura) relativo ao enunciado, evento linguístico contextualizado. A transmissão de informação determina a organização dos enunciados, e não propriamente das frases. Em última instância, Danes situa o desenvolvimento da informação e, conseqüentemente, da articulação tema/rema no próprio texto. A distinção das categorias novo e velho se superpõe à oposição contextualmente dependente/contextualmente independente, na medida em que constituem componentes do dinamismo do texto.

Nas posições aqui esboçadas ressalta a divergência em relação à equivalência das dicotomias tema/rema, por um lado, e velho/novo, por outro. Firbas, por exemplo, insiste na distinção entre tema e informação velha, partindo do pressuposto de que a propriedade essencial do tema não o impede de transmitir informação nova. Danes, ao contrário, salienta que o tema apresenta, de forma quase categórica, informação velha, sendo, portanto, desnecessário desvincular as duas dicotomias.

Uma outra questão é relativa aos critérios de definição de novo e velho. Na tradição inaugurada pela Escola de Praga a vinculação dos elementos da sentença com o seu contexto é fator determinante do seu valor informativo. Segundo Danes, por exemplo, o *status* dado não

se define com relação ao falante ou ao ouvinte, isoladamente, mas sim com relação à ligação entre os dois numa determinada situação comunicativa.

Em proposta mais recente, Halliday (1985) acentua a importância das intenções do falante na definição de *status* informacional. No ato de discurso, o falante “decide” embalar uma informação como não-recuperável, ou seja, nova. Ou decide embalá-la como recuperável, seja anaforicamente, seja da situação imediata. Essa decisão é traduzida lingüisticamente por marcas prosódicas: informação nova é acentuada, informação velha, não acentuada. A pressuposição de relativo isomorfismo entre nível informativo e nível prosódico pode resultar em circularidade: a informação nova é acentuada por ser nova ou é informação nova por ser acentuada. Difícil definir a causa e o efeito.

Numa perspectiva diferente, Chafe (1976, 1979, 1987, 1988) enfatiza a relação falante/ouvinte como ponto de origem do *status* informacional das unidades lingüísticas. Novo/velho não são conceitos primitivos aplicáveis diretamente às unidades lingüísticas. Eles decorrem de outros conceitos nucleares que suportam uma posição teórica acerca da relação entre linguagem e pensamento.

Na formulação de Chafe, informatividade é uma propriedade associada às “idéias”, ou seja, representações mentais de objetos, estados e eventos. As idéias se situam em diferentes estados de consciência de acordo com a sua acessibilidade: ativo (informação velha), semi-ativo (informação acessível) ou não ativo (informação nova). O ato de comunicação constrói uma ponte entre as representações mentais do falante e ouvinte. O falante organiza seu discurso em consonância com expectativas acerca das representações mentais já ativadas, não ativadas ou semi-ativadas na mente do ouvinte. A embalagem das informações não depende dessas avaliações. Chafe reconhece que os esquemas mentais pré-existentes ao discurso e a capacidade inferencial do ouvinte são fatores preponderantes na estruturação do fluxo discursivo.

Os conceitos (ou idéias) encontram sua concretização lingüística em unidades entonacionais que “carregam” o valor informacional. A relação entre unidade informacional e unidade prosódica está sujeita às restrições do princípio de “*one-idea-at-a-time*”: cada unidade entonacional se limita à expressão de um único foco de consciência ou de uma única informação nova.

Chafe não reduz informação à dicotomia velho/novo, mas admite o caráter escalar de informatividade ao propor a categoria acessível.

Enquanto a abordagem de Chafe possui uma base cognitiva, Prince (1981, 1992) propõe uma taxonomia de informação que conjuga crité-

rios cognitivo e textual. Tanto o texto quanto o contexto situacional (conhecimento compartilhado por falante e ouvinte) constituem caminhos de acesso à identificação dos referentes. Sua classificação prevê, além da possibilidade de velho, novo e inferível, diferentes graus de “novidade” e “velhice” da informação codificada pelos referentes. Um referente não mencionado no discurso anterior, mas disponível para o ouvinte por conhecimentos já compartilhados (“unused”) seria um tipo de novo diferente daquele que dá entrada no discurso no momento da sua enunciação e não está disponível por conhecimentos pragmáticos (*brand-new*).

Tomar o texto como quadro de referência para a definição do *status* informacional de um elemento lingüístico requer considerar o dinamismo textual e a forma como se desenvolve a seqüência de enunciados. Sob certos aspectos, informação velha se identifica com segunda menção de uma entidade, ao passo que informação nova dá entrada no texto no momento da sua enunciação.

As abordagens cognitiva e textual se equivalem apenas parcialmente. Assim, por exemplo, uma entidade nova do ponto de vista do ouvinte é necessariamente nova no texto. O contrário não é, no entanto, verdadeiro. Uma entidade nova no texto pode ser velha do ponto de vista do que já está ativado na mente do ouvinte. O que não torna as duas abordagens incompatíveis.

As diversas propostas de categorização do *status* informacional de idéias/conceitos/referentes codificados em sintagmas nominais culminam na formulação de um princípio funcional segundo o qual, em situações não marcadas, informação velha precede informação nova (Halliday, 1985; Chafe, 1976, 1987). Esse princípio subjaz a diversos fenômenos de ordenação de sintagmas, deslocamentos de constituintes, pronominalização, supressão, topicalização. No que tange à questão da ordenação, o princípio de distribuição de informação associa a posição inicial com unidades lingüísticas que carregam informação velha e a segunda posição com elementos que carregam informação nova.

Bidirecionalidade das cláusulas e sintagmas preposicionais causais

No português oral, os sintagmas preposicionais causais e as orações denominadas causais admitem posição variável, podendo antepor-

se ou pospor-se à consequência com que estão relacionadas. Haja vista os exemplos a seguir:

ANTEPOSIÇÃO

- (1) *Por causa da gravidez dela* eu parei de estudar.
(2) Eu precisei desse dinheiro pra comprar material então vim aqui.

POSPOSIÇÃO

- (3) Eu costumo fazer bolo por causa das crianças lá em casa.
(4) A maioria da classe média sem dúvida alguma come em casa porque os restaurantes são proibitivos.

Do ponto de vista da ordenação, são paralelos os exemplos 1 e 3, por um lado, e 2 e 4, por outro. Nos enunciados causais 1 e 3, tem-se um esquema causa-efeito e, nos enunciados 2 e 4, um esquema efeito-causa.

Antes de passar ao ponto que me interessa, algumas explicações se fazem necessárias. A primeira delas se refere à acepção com que é empregada a palavra *causa*. Esse termo está sendo utilizado em sentido mais amplo, recobrando sob a denominação de causal relações outras como as de explicação, justificativa, evidência. São analisados conjuntamente exemplos do que Anscombe (1984) denominou de explicitação do elo de causalidade e de exploração do elo de causalidade, ou seja, a relação argumento/conclusão. Essa opção, discutível, sem dúvida, se justifica pelo próprio recorte deste estudo: causa, explicação, justificativa, todas elas admitem flexibilidade de ordenação.

Um segundo esclarecimento se refere aos dados que serviram de base para a verificação da hipótese colocada inicialmente. Sob a denominação de sintagmas preposicionais causais, estão incluídas, além da locução por causa de, a mais claramente associada à idéia de causa, outros sintagmas que têm por núcleo a preposição por e outras (devido a, com, de) possibilidades ilustradas a seguir.

- (5) E eu, infelizmente, por uma série de circunstâncias, ou certo, ou errado, eu num sei, tá entendendo? eu procurei fazer minha vida de uma maneira e a minha vida foi pro outro lado.
(6) Agora, devido a igreja, eu, as vez, eu num estou em casa...
(7) E, atualmente, com essa mistura de alcool a gasolina, diafragma não aguenta mesmo.
(8) Eu acho que contra a China eles perderam de pura bobeira.

O rótulo cláusulas causais, por sua vez, não se restringe unicamente às cláusulas subordinadas introduzidas pelo conector *porque*. Consideramos a relação de causalidade em termos estritamente semânticos, admitindo que ela pode se realizar sob diversos aspectos formais: justaposição, coordenação, subordinação. Como já tivemos oportunidade de mostrar (Paiva, 1992), no discurso oral, a anteposição ou a posposição de uma cláusula causal corresponde, via de regra, a diferentes estruturas sintáticas e a diferentes conectores. A anteposição se dá, mais freqüentemente, através da coordenação (conectores então, aí, por isso), e a posposição, através da subordinação (conectores que, porque). Não estamos ignorando, evidentemente, a possibilidade de anteposição de uma cláusula introduzida por porque. Exemplos como (9) são, no entanto, muito escassos na língua falada e colocam problemas de análise bastante particulares.² (Paiva, 1992).

(9) Porque o elevador estava parado, eu descí as escadas.

Finalmente, requer explicação a análise de *status* informacional de cláusulas, uma vez que conceitos como velho/novo/inferível parecem ser categorias de análise restritas a sintagmas nominais. Uma extensão dessas categorias para o nível da cláusula é proposta por Chafe (1984), ao analisar as diversas possibilidades de realização de algumas cláusulas adverbiais. Examinando as formas de conexão dessas cláusulas, o autor verifica que a sua flexibilidade de posição está diretamente associada ao seu *status* informacional. Conclui ainda que, nos períodos compostos, com cláusulas ligadas entonacionalmente, a progressão da informação se dá no sentido de velho para novo, ou, nos termos do autor, de familiar para não-familiar. De forma menos explícita, a possibilidade de analisar o *status* informacional das cláusulas como um todo aparece em outros autores (Givon, 1987; Van Dijk, 1984).

Admitindo essa possibilidade de extensão das categorias de *status* informacional para o nível do período, faz sentido comparar a flexibilidade na ordenação de sintagmas preposicionais causais e a ordenação de cláusulas causais sob o prisma do princípio de distribuição de informação. O pressuposto subjacente, tese central deste artigo, é o de que o princípio de distribuição de informação atua de forma semelhante sobre os dois fenômenos de ordenação, sendo, portanto, independente do nível sintático.

2 Os dados analisados neste artigo foram coletados em duas amostras de fala carioca: a Amostra Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro e numa parte da Amostra NURC-RJ.

Verificando a hipótese

Adotei na classificação do *status* informacional tanto dos sintagmas preposicionais causais quanto das cláusulas causais um critério exclusivamente textual. O discurso do falante é tomado como quadro de referência para a definição do grau de informatividade dos segmentos causais. Embora não esteja isento de problemas, esse procedimento implica uma dose menor de interpretação das reais intenções do falante na construção do discurso.

Informação nova se identifica com informação não mencionada e não inferível do discurso anterior à ocorrência de um segmento causal (sintagma preposicional causal ou oração causal); e velho se identifica com informação já mencionada no discurso anterior ao segmento causal. Uma terceira possibilidade é a de que a informação, embora não explicitamente mencionada no discurso anterior, possa ser inferida deste.

A título de exemplificação, tomemos o seguinte dado com sintagma preposicional causal:

- (10) pretendo tocar o barco prá frente nos estudo, né? Mas tive que interromper um pouco por causa da gravidez da minha mulher. (Dav., 42)

Tanto a informação contida na locução causal (por causa da gravidez da minha mulher) quanto a informação transmitida pela consequência dão entrada no discurso no momento em que o falante apresenta a relação causal entre “interromper os estudos” e “a gravidez da mulher”. Os dois segmentos do enunciado codificam, segundo a perspectiva adotada, informação nova, não mencionada no discurso anterior.

O falante prossegue seu discurso percorrendo sobre o fato de ter interrompido seus estudos e, um pouco à frente, retoma a relação causal citada em (10), agora sob a forma (11).

- (11) E esse ano eu não pude estudar. Por causa da gravidez dela, eu tive que parar.

Do ponto de vista da relação causal tudo é velho: tanto a causa como a consequência já foram mencionadas no discurso anterior e são apenas retomadas pelo falante.

O enunciado (12) ilustra a possibilidade de uma cláusula causal ser inferida do discurso anterior.

- (12) Eu tenho uma vontade doida de ir no Canecão. Ah, mas doida. Perdi o Roberto Carlos. Agora, a segunda vez também perdi *porque não tinha quem ficasse com ela*.

Em vários pontos do discurso anterior à seqüência focalizada em (12), a falante menciona os empecilhos que coloca uma filha pequena e o fato de que não possui empregada, não deixa a filha sozinha com os irmãos maiores e a sua mãe mora muito longe. Todas essas informações autorizam a inferência de que o fato de ter perdido o *show* de Roberto Carlos no Canecão é apenas a aplicação de uma situação mais geral, no caso, não ter quem fique com a menina.

A análise do *status* informacional foi feita em duas dimensões:

- a) considerando o *status* informacional do segmento causal separadamente;
- b) considerando a relação de *status* informacional entre o segmento causal e o segmento conseqüência. Essa segunda dimensão de análise busca verificar a relevância do princípio que prevê a forma de progressão da informação no discurso.

Os dados foram submetidos ao pacote de programas estatísticos Varbrul com o objetivo de aferir o peso relativo das diferentes categorias de *status* informacional sobre a ordenação de segmentos causais. Os enunciados com sintagmas preposicionais causais e com orações causais foram analisados separadamente, o que, sem dúvida, impõe restrições sobre a interpretação dos resultados estatísticos.

É necessário ressaltar, antes de tudo, que o levantamento estatístico aponta a posposição do segmento causal como a ordem não-marcada, no discurso oral, tanto para as cláusulas causais quanto para os sintagmas preposicionais causais. Apenas (20,21%) das 2.216 cláusulas causais analisadas e (19%) dos 229 sintagmas preposicionais analisados são antepostos à conseqüência. Diante dessa maciça predominância da posposição do segmento causal, optei por analisar a forma marcada de ordenação, ou seja, a anteposição do segmento causal.

As Tabelas 1 e 2 reúnem os resultados para anteposição de orações e sintagmas preposicionais causais. Os resultados da Tabela 1 se referem a *status* informacional do segmento causal e os da Tabela 2, à interação entre *status* informacional da causa e da conseqüência.

Os resultados estatísticos da Tabela 1 tornam evidente a diferença de comportamento entre cláusulas e sintagmas preposicionais causais. Tomando apenas os resultados da coluna de cláusulas, a configuração das probabilidades mostra que a anteposição da cláusula causal está associada à categoria informacional desta: são preferencialmente antepostas (62) as cláusulas que codificam uma informação já mencionada no contexto discursivo anterior. As causas que apresentam uma informação não mencionada anteriormente (nova) tendem a ser pospostas à conseqüência.

Tabela 1 – Anteposição e *status* informacional do segmento causal

	Cláusulas			Sintagmas prep.		
Causa nova	304/1615	18,82%	,40	22/99	22,00%	,52
Causa inf.	69/358	19,27%	,48	6/36	17,00%	,51
Causa velha	75/243	0,86%	,62	16/94	17,00%	,47
Total	2216			229		

Tabela 2 – Anteposição e interação informacional entre causa e consequência³

			Cláusulas			Sintag. prep.		
	ca.	ef.						
Menção	-	+	286/1023	27,79%	,34	2/50	4,00%	,22
	+	-	143/191	74,87%	,70	49/61	89,32%	,74
	+	+	35/52	67,31%	,52	25/39	64,10%	,58
	-	-	328/592	55,40%	,44	8/49	36,32%	,46

A categoria dos inferíveis apresenta um comportamento similar ao dos segmentos causais novos. Há indicações de que qualquer informação não explicitamente mencionada pelo falante no seu próprio discurso é por ele tratada como nova.

Essa correlação entre *status* informacional e ordenação de cláusulas corrobora conclusões de outras pesquisas que procuram encontrar no discurso as explicações para a ordenação de cláusulas no período (Chafe, 1984; Thompson, 1985; Ramsay, 1987; Ford & Thompson, 1986; Ford, 1988; Paiva, 1992; Braga et al., 1994). Ressalta nessas diversas análises a dicotomia funcional entre cláusulas antepostas e cláusulas pospostas, principalmente no que se refere às adverbiais. As primeiras, cláusulas antepostas, possuem uma função coesiva saliente, estabelecendo a ligação entre um determinado ponto do discurso e o discurso precedente.

Os resultados para os sintagmas preposicionais causais contradizem as expectativas iniciais. Pelas estatísticas da Tabela 1, o *status* in-

3 A diferença no total da dados das Tabelas 1 e 2 se deve ao fato de que, na Tabela 2, considerei apenas as categorias novo e velho, excluindo os dados de inferíveis.

formacional do sintagma preposicional não possui efeito significativo sobre a ordenação desse constituinte.

A comparação das duas colunas da Tabela 1 coloca problemas para a hipótese de isomorfismo entre período simples e período composto. A irrelevância de categoria informacional para a ordenação dos sintagmas preposicionais causais poderia invalidar a hipótese inicial e indicar que fenômenos de ordenação em níveis distintos sofrem restrições particulares. Tal atitude me parece, porém, precipitada, em face dos resultados obtidos para a segunda dimensão de análise de *status* informacional.

Os resultados dessa análise que considera o fluxo informacional no interior do enunciado causal estão sumarizados na Tabela 2. Revela-se nos resultados uma simetria interessante entre períodos compostos por cláusulas causais e períodos simples com locuções preposicionais causais. Nos dois níveis, transparece a mesma correlação entre posição do segmento causal e fluxo informacional. Um segmento causal não mencionado anteriormente ligado a um segmento consequência já mencionado no discurso anterior é mais freqüentemente posposto. A anteposição, ao contrário, é predominante no contexto em que um segmento causal já mencionado (velho) se liga a um segmento consequência não mencionado (novo). Essa tendência independe da forma sintática do segmento causal: cláusula ou sintagma preposicional. A simetria da Tabela 2 pode ser visualizada no Gráfico 1, em que, no eixo horizontal, estão opostas as duas possibilidades de fluxo informacional: novo/velho e velho/novo.

O Gráfico 1 permite a conclusão de que o princípio de distribuição de informação atua, de forma relevante, sobre a ordenação do segmento causal, seja ele um sintagma preposicional causal ou uma cláusula causal. O enunciado causal parte de um *background* comum e progride para o acréscimo de novas informações. Tanto no período simples quanto no período composto, a anteposição do segmento causal é um recurso que permite a coesão discursiva. Do ponto de vista da distribuição de informação, os dois tipos de enunciados causais são isomórficos.

Deve ser ressaltada também a interdependência informacional entre os dois segmentos causa e consequência, principalmente nos enunciados constituídos por sintagmas preposicionais causais. O *status* informacional de cada um dos segmentos isoladamente parece ser menos relevante para a compreensão da ordenação do que a interação informacional entre causa e consequência. Somente nesse caso transparece nitidamente o isomorfismo entre os dois tipos de enunciados causais e o poder explicativo do princípio de distribuição de informação.

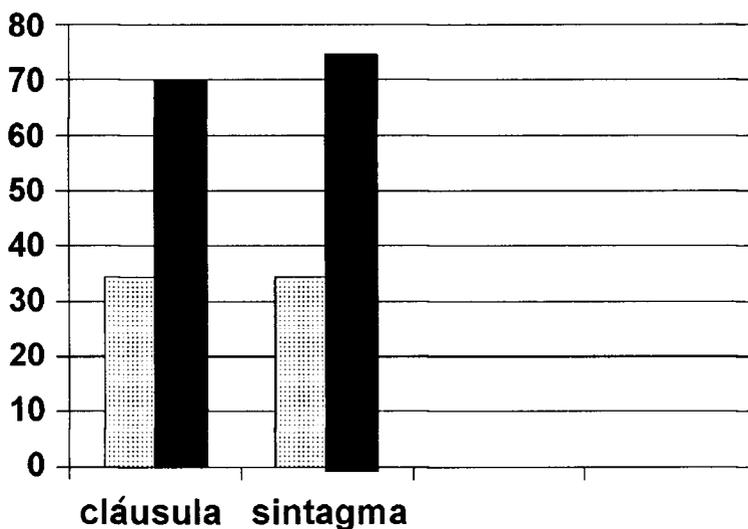


GRÁFICO 1 – Efeito do princípio de distribuição de informação sobre a ordenação de cláusulas e sintagmas preposicionais causais.

Conclusão

A hipótese colocada inicialmente pôde ser confirmada nos dados aqui analisados: tanto a ordenação de sintagmas preposicionais causais, no interior da cláusula, quanto das cláusulas, no interior do período, se submetem às restrições impostas por princípios mais gerais de organização discursiva, no caso específico, o princípio de distribuição de informação. A ordenação mais marcada causa-efeito, na forma de período simples ou de período composto, atende às exigências de manter a coesão discursiva, colocando em primeiro lugar a informação já mencionada. Os enunciados causais estão em harmonia com um princípio mais geral de que a informação velha ocupa a posição à esquerda e a informação nova, a posição à direita.

Essa conclusão é, sem dúvida, pontual, na medida em que repousa na comparação de segmentos em que está envolvida a mesma relação semântica. É possível, entretanto, extrapolar os limites do fenômeno analisado e afirmar uma hipótese mais forte de que os princípios restritivos da ordenação de elementos lingüísticos são mais gerais e indepen-

dentos, atuando sobre unidades de nível sintático distinto. Nesse caso, princípios responsáveis pela ordenação de constituintes na cláusula seriam estendidos para a ordenação de cláusulas no período.

PAIVA, M. C. Informational isomorphism between simple and complex sentences. *Alfa (São Paulo)*, v.41, n. esp, p.127-140, 1997.

- **ABSTRACT:** *This article analyses the effect of the informational flow principle on two forms of expressing causality in oral speech: the subordinate clauses introduced by "porque" ("because") and the prepositional phrase "por causa de" ("because of"). The central hypothesis is that the sequence of segments expressing cause and effect is governed by the same discursive principle, that is, old information precedes new information. Statistical analysis of the informational status of the causal and effect segments confirms the hypothesis.*
- **KEYWORDS:** *Causal relation; order; information.*

Referências bibliográficas

ANSCOMBRE, J. C. La représentation de la notion de cause dans la langue. *Cahiers de Grammaire*, v.8, p.3-53, 1984.

ANSCOMBRE, J. C., ZACCARIA, G. *Fonctionnalisme et pragmatique*. Milão: Edizioni Unicopli, 1989.

BRAGA, M. L. et al. Fluxo informacional e ordenação de cláusulas no português do Brasil. CONGRESSO DA ASSEL, 3, 1993, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFF, 1994. p.139-46.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LY, C. N. (Ed.) *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p.25-55.

_____. The flow of thought and the flow of language. In: GIVÓN, T. (Ed.) *Syntax and Semantics*. New York: Academic Press, 1979. v.12.

_____. How people use adverbial clauses. MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 10, 1984, Berkeley. *Proceedings...* Berkeley, 1984. p.437-50.

_____. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. (Ed.) *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987.

- CHAFE, W. Linking intonational units. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. A. (Ed.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p.1-28.
- DANES, F. A Three level approach to syntax. *TRAVAUX LINGUISTIQUES DE PRAGUE*, 1, 1964.
- FIRBAS, J. On defining the theme in functional sentence perspective. *TRAVAUX LINGUISTIQUES DE PRAGUE*, 1, 1964.
- FORD, C. *Grammar in Ordinary Interaction: The Pragmatics of Adverbial Clauses in Conversational English*. Los Angeles, 1988. Dissertation (Ph.D) – University of California.
- FORD, C. E., THOMPSON, S. A. Conditionals in discourse: a text-based study from English. TRAUOGOTT, E. et al. (Ed.) *On Conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p.353-72.
- GIVÓN, T. *Beyond Foreground and Background*. 1987. (Mimeogr.).
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold Publ., 1985.
- MATHESIUŠ, V. *Jazyk, Kultura, a slovesnost* [língua, cultura e literatura]. Praga: Odeon, 1982.
- PAIVA, M. C. A. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Rio de Janeiro. 1992. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PRINCE, E. On the given: new distinction. *Chicago Linguistic Society*, n.15, 1981.
- _____. The ZPG letter: subjects, definiteness, and information status. In: MANN, W. C., THOMPSON, S. A. (Ed.) *Discourse Description: Diverse Linguistic Analysis of a Fund Raising Text*. Amsterdam: John Benjamins. 1992.
- RAMSAY, V. The functional distribution of preposed and posposed "if" and "when" clauses in written narrative. In: TOMLIN, R. S. (Ed.) *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p.144.
- THOMPSON, S. A. Grammar and written discourse: initial vs final purpose clauses in English. *Text*, v.5, p.55-84, 1985.
- VAN DIJK, T. *Texto y contexto: semántica y pragmática del discurso*. Madrid: Editora Catedra, 1984.